



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

**ENTRE MEMÓRIAS E LUTA: A ESCRIVIVÊNCIA COMO
LUTA NA PRÁTICA DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA**

KAREN CRISTINA PEREIRA ROSA

Rio de Janeiro
2025

KAREN CRISTINA PEREIRA ROSA

ENTRE MEMÓRIAS E LUTA: A ESCRIVIVÊNCIA COMO
LUTA NA PRÁTICA DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Monografia submetida à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do
Rio de Janeiro, como requisito parcial
para obtenção do título de
Bacharel/Licenciado em Letras na
habilitação Português/ Espanhol.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Monica de Souza Houri
Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Priscila de Melo Basílio

RIO DE JANEIRO

2025

CIP - Catalogação na Publicação

R788e Rosa , Karen Cristina Pereira
Entre memórias e luta: a escrevivência como luta
na prática da educação antirracista / Karen
Cristina Pereira Rosa . -- Rio de Janeiro, 2025.
25 f.

Orientadora: Monica de Souza Houri.
Coorientadora: Priscila de Melo Basílio.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Bacharel em Letras: Português -
Espanhol, 2025.

1. Educação antirracista . 2. Literatura. 3.
Escrevivência. I. Houri, Monica de Souza , orient.
II. Basílio, Priscila de Melo, coorient. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, pois sem ele nada disso seria possível e por ter me concedido força, sabedoria e resiliência ao longo de toda minha trajetória acadêmica. Sua presença em minha vida foi essencial nos momentos de maior desafio e incerteza.

Expresso minha sincera gratidão às professoras Monica e Priscila, cujas contribuições foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Suas orientações criteriosas, o apoio constante e as leituras recomendadas foram decisivos para minha formação crítica e acadêmica, especialmente no aprofundamento do tema da minha monografia. Ao professor Luciano, agradeço pelas discussões instigantes acerca a educação antirracista. Seu incentivo e seu compromisso com a temática ampliaram minha compreensão e me fizeram refletir profundamente sobre minha própria trajetória, reforçando os propósitos que me levaram a escolher ser professora: contribuir com a construção de caminhos igualitários para outros estudantes. À minha família, agradeço pelo apoio incondicional durante todo o percurso. À minha avó, por sua força e resistência diante das adversidades; ao meu pai, por ter me apoiado até em suas ausências e minha mãe, cuja dedicação, esforço e amor foram indispensáveis para que eu pudesse concluir esta etapa da minha vida. Sua presença constante e seu exemplo de luta são inspirações que levarei para toda a vida, jamais vou conseguir agradecer ou retribuir tudo o que você fez por mim. Às minhas amigas e irmãs de vida Amanda e Priscila, presentes desde os tempos de escola, e às companheiras, irmãs que encontrei na faculdade, Júlia e Mariana, agradeço pelo acolhimento, pelas conversas e pelo apoio incondicional. Vocês foram fundamentais em minha trajetória acadêmica, sendo, em muitos momentos, um dos principais motivos que me impediram de desistir da faculdade. Sua presença fez toda a diferença. Por fim, agradeço a todas as pessoas que, de alguma forma, fizeram parte da minha trajetória: aquelas que permaneceram e contribuíram com sua presença e apoio constante, e aquelas que passaram brevemente, mas deixaram marcas importantes em minha vida. A todos, meu mais profundo agradecimento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1- Movimento Negro, suas conquistas e a escrevivência como ato de vingança, mas também de amor	9
1.1 - O movimento negro brasileiro, suas conquistas e atuais dificuldades no cenário da educação	10
1.2 A escrevivência na educação como ato de vingança, mas também de amor	13
2- Sequência didática	15
2.1 Objetivo da sequência didática	16
2.2 Justificativa	17
2.3 Referências bibliográficas da sequência didática	20
2.4 Reflexão sobre a Sequência Didática	21
Conclusão	21
Referências bibliográficas	22

Introdução

Existem diversas discussões sobre o racismo em nossa sociedade. Há aqueles que dizem que a melhor forma de combate a essa prática nociva é a educação, e há outros que pensam que punições mais severas nas leis de combate ao racismo seriam muito mais eficazes para erradicar de vez todo ato de preconceito racial. Se formos nos basear na teoria da educação transformadora, pensamos numa educação voltada para a prática, ensinando crianças e adultos a viverem em uma sociedade justa e igualitária, contudo, como a maioria dos sistemas, a educação também é um sistema falho, tornando-se um dos numerosos fatores que proporcionaram as estruturas para a discriminação social e racial, fazendo uma grande contribuição para a desigualdade em que vivemos.

Inspirada na Escrivivência de Conceição Evaristo, trago para esse texto as minhas vivências e reflexões, como forma de evitar o silenciamento e o esquecimento de matéria tão importante, e nesse sentido, e ecoando a autora, como forma de vingança, mas também como proposta de resgate, de valorização, de pertencimento no ambiente escolar, e nesse sentido, como forma de amor; a escrevivência será abordada em seção posterior. Ao longo da minha vida, como pessoa, aluna, estagiária e professora, presenciei diversas situações de preconceitos e discriminações raciais, eu mesma sendo uma das vítimas dessas situações. Também vivenciei circunstâncias onde professores, alunos e outras figuras importantes da nossa história conseguiram se livrar das mordidas que a sociedade nos impõem e lutaram contra tais práticas, mesmo que com pequenos gestos, por isso, implicada com a questão, para o trabalho final escolhi o tema da educação antirracista, com foco maior na literatura afro-brasileira.

Acredito que toda contribuição é importante para a transformação da nossa sociedade, mesmo que ainda não esteja inserida formalmente em um coletivo negro, me sinto fazendo parte de um coletivo simbólico, onde aprendo e estudo sobre as diversas manifestações que acontecem, caminhando cada vez mais um pouco mais perto do objetivo de criar um espaços de maior acolhimento, representatividade e respeito. Autoras como Conceição Evaristo, Maria Carolina de Jesus e Lélia González merecem ser amplamente reconhecidas e valorizadas, tanto em nossa história quanto no ambiente escolar, onde suas obras podem promover identificação e reflexão para os estudantes.

O sentimento de inadequação começou logo no início da escola básica, sendo uma criança negra vinda de um lar desestruturado, observar o material didático fornecido pelo

governo, que em sua maioria apresentava uma família branca, composta por uma família “tradicional” fazia com que eu me sentisse a exceção. Essa forma de representação, não contribuía para amenizar o desconforto e a sensação de deslocamento, que eu vivenciava. As professoras tão pouco estavam preparadas para me explicar o porquê eu deveria ensaiar para cantar e dançar no dia dos pais, mesmo sabendo que nunca veria o rosto do meu pai no meio da multidão, infelizmente elas também não estavam devidamente preparadas para me ajudar a escapar da crueldade dos meus colegas de turma, não era incomum chamarem meu cabelo de “duro” ou falarem sobre o tamanho do meu nariz, o máximo que as professoras falavam era algo do tipo “para fulano, vai magoar a colega”, isso quando eles eram repreendidos. A maneira que encontrei para me defender foi usando a violência, era mais fácil explicar à minha mãe que fui levada para a diretoria por bater num colega, do que realmente dizer o que me levou a tal extremo. Os currículos das escolas pelas quais passei na época da educação básica, eram extremamente deficientes sobre questões da literatura e cultura afro-brasileiras, falávamos sobre a escravidão, mas nada de debates ou abordagens de formas mais conscientes sobre o tema.

O espaço universitário foi um pouco mais opressor. Se na escola, com os olhos de criança, eu poderia sentir, mas não entender totalmente o que estava acontecendo ao meu redor, na faculdade as lentes da inocência infantil há muito já tinham deixado os meus olhos. Ingressar na faculdade é mais fácil do que permanecer, como aluna cotista, tive algumas exigências adicionais para finalmente ser reconhecida como aluna regular, no ato da matrícula entrei como aluna cotista nas modalidades de renda e racial. Para renda precisei apresentar uma série de documentos que comprovassem a veracidade da situação financeira que eu estava atestando; para cota racial precisei apenas de um documento de autodeclaração do porque me considerava uma mulher preta. No entanto, nos últimos anos, em razão de diversas ocorrências de alunos brancos burlando a lei para se beneficiar das cotas, ingressando na universidade de forma indevida - como recentemente um ex-participante de reality show - tornou-se imprescindível a criação de uma comissão de heteroidentificação por parte da universidade, para garantir que seja feita uma análise criteriosa, de forma que garanta que a Lei das Cotas¹ beneficia apenas aqueles que realmente possuem direito e assim evitando que um estudante preto ou indígena seja prejudicado.

¹ Lei 12.711/2012

Estar na faculdade era mais complicado do que estar na escola. Quando o período começou, dentre todos os alunos, oito de nós éramos negros, no final, esse número foi reduzido para três. Se na escola era mais difícil identificar o racismo, na faculdade não era; olhares, comentários depreciativos e outras situações mais flagrantes causavam constrangimento generalizado na turma e era algo comum. Numa das primeiras aulas, já fui confrontada com uma situação de discriminação racial. No meio de uma aglomeração de estudantes, uma mulher gritava que falaria de novo porque estava no direito dela, minutos depois, descobri que a mulher tinha praticado injúria racial contra uma estudante. Os alunos estavam ali dando apoio à menina, esperando com ela a chegada da polícia federal. Pouco se discutia sobre o racismo, sobre formas de combate a essa prática, era tudo dito de forma muito sucinta, como se não existisse naquele ambiente, como se não devêssemos ser preparados para lidar com isso nas escolas. De todos os meus professores, apenas três realmente debateram o tema de forma abrangente, ensinaram caminhos para inserir novas práticas nos espaços escolares e realmente se dedicaram ao assunto.

De todas as situações que enfrentei nada me abalou mais do que tratamento de desdém absoluto que uma das minhas professoras me deu... quando meu pai decidiu voltar para a minha vida após anos de abandono, ele voltou quando estava muito doente. Não tive escolha a não ser enfrentar a situação sozinha porque ele não tinha mais ninguém. Levei-o ao um hospital público que mesmo não fazendo o procedimento, devido à gravidade da doença, aceitou interná-lo, por esse motivo fiquei afastada da faculdade durante uma semana e perdi três aulas de uma matéria, levei todos os documentos que comprovaram a internação, e um atestado dado pelo médico das condições em que a saúde do meu pai se encontrava. Cheguei a sala de aula, esperei até o final para explicar toda a situação para a minha professora, e fui recebida com arrogância, altivez e todo desdém que nunca enfrentei na minha vida, ela me disse que “eu deveria escolher o que era mais importante para mim, se era cuidar do meu pai ou a minha educação porque era evidente que eu não dava conta de fazer os dois”. O olhar e a maneira como ela me encarava como se eu não fosse nada, como se não tivesse o direito de estar ali disse tudo o que eu precisava saber. Sofri preconceito racial, a humilhação de escutar todas essas palavras na frente de alguns companheiros de turma foi suficiente para me fazer correr para o banheiro mais próximo e chorar, levei um tempo para me acalmar e conseguir sair dali.

A universidade era um desafio diário, não foram poucas as situações de preconceitos raciais e elitista que enfrentei dentro do espaço acadêmico, por isso sou bastante grata por todo apoio que recebi da rede de apoio que consegui construir no decorrer dos anos, minha mãe sempre foi uma fonte inabalável de apoio, mas mesmo ela não entendia realmente o quanto a faculdade era desgastante, o quanto parecia que eu não pertencia àquele lugar, então agradeço muito as amizades que fiz, que me deram suporte nesses momentos de necessidade, ajudando em algum trabalho ou me encorajando a continuar nas ocasiões em que eu pensava em desistir.

Minha amiga Mariana e eu decidimos estagiar numa escola estadual, situada na periferia de Duque de Caxias, chegando lá ficamos bastante impressionadas com o ambiente, principalmente porque a escola estava em transição para se tornar bilíngue, mas mesmo que o ambiente fosse muito bonito, o interior também escondia coisas ruins. Ao compartilharmos o tema da nossa pesquisa com os estudantes, alguns alunos negros logo começaram a fazer suas próprias denúncias sobre as discriminações que sofriam de colegas e também dos educadores. A solução encontrada por eles e alguns professores foi criar um podcast para debater o racismo estrutural, também como forma de denunciar toda a estigmatização que os alunos negros estavam sofrendo, para que assim pudessem criar um ambiente mais saudável na escola.

Na escola em que estou trabalhando não existe nenhum projeto de combate ao racismo, não se fala sobre educação antirracista ou algo parecido, os alunos falam do racismo com desdém ou zombaria, os profissionais negros não parecem interessados em falar sobre o assunto entre eles e muito menos com os alunos.

O tema dessa pesquisa foi escolhido por mim com base em todas as situações que já presenciei e sofri em minha própria pele. A justificativa desta escrita monográfica se dá assumindo o pressuposto de que a educação antirracista é meio transformador para uma mudança na sociedade, de que precisamos de mais professores capacitados e dispostos a debater os temas, a incorporar novas perspectivas, e de que temos escritores afrodescendentes que podem fornecer uma experiência única na vida de diversos estudantes, criando um olhar mais empático sobre eles mesmos, sobre os colegas, fazendo com que eles possam se reconhecer como protagonistas nestes contos e se identificar com autores que assim como eles tiveram uma vida difícil e lutaram para obter o devido reconhecimento.

Em meu trabalho pretendo abordar sobre o movimento negro, as lutas e as conquistas que nos levaram a criação das leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que visam a inclusão de conteúdos essenciais para a construção de uma sociedade que respeite e valorize a diversidade, além de combater práticas discriminatórias nas escolas. Também sobre a escrevivência termo criado pela professora e escritora Conceição Evaristo e por último, apresento minha experiência com uma sequência didática baseada nos preceitos da educação antirracista.

O objetivo deste trabalho é produzir subsídios para a reflexão e promoção de práticas pedagógicas que ajudem no combate ao racismo, estimulando os alunos negros através da literatura, mostrando que existem heróis negros, que eles podem ser os protagonistas das próprias histórias, e que para criarmos essa sociedade que parece uma ideia irrealizável precisamos da ajuda de todos. Cada pequena coisa é importante para criar a sociedade que não apenas queremos, como merecemos. Espero que esse trabalho ajude a promover uma reflexão por parte de outros colegas educadores e que mais se juntem à causa, refletindo, criticando e ajudando a criar soluções eficazes para um problema que é tão antigo e, ao mesmo tempo, continua atual em nossa sociedade.

1- Movimento Negro, suas conquistas e a escrevivência como ato de vingança, mas também de amor

O movimento negro é um conjunto de manifestações políticas e culturais que luta para combater o racismo e as desigualdades existentes na sociedade, assim como reivindica os direitos da população negra. Nos últimos tempos, o movimento tornou-se mais abrangente e agora, também inclui pautas ligadas ao feminismo, direitos LGBTQI+ e tolerância religiosa. O movimento iniciou-se no período colonial, quando o Brasil se destacou como o país que mais contrabandeou pessoas escravizadas entre os séculos XV e XVI. Para fugir do trabalho escravo, homens e mulheres refugiavam-se e estabeleciam-se nos quilombos, espaços de resistências, onde essas pessoas encontravam a liberdade. O quilombo mais famoso era o dos Palmares que resistiu por quase 100 anos às investidas portuguesas, liderado por Zumbi dos Palmares que se tornou símbolo do movimento negro.

Neste capítulo, abordaremos as conquistas e as dificuldades do movimento negro brasileiro, e as contribuições de Conceição Evaristo que nos presenteia com a escrevivência.

Como nos diz a autora, a escrevivência, por ser uma escrita encarnada e por isso mesmo não deixar cair no esquecimento o vivido é, de certa forma, uma vingança. Mas por outro lado, ao tomá-la para produzir uma educação antirracista é também um gesto de amor.

1.1 - O movimento negro brasileiro, suas conquistas e atuais dificuldades no cenário da educação

Após a abolição, com a popularização da imprensa negra no estado de São Paulo, Arlindo Veiga dos Santos e José Correia Leite criaram, em 1931, a Frente Negra Brasileira (FNB), considerado por muitos historiadores como o primeiro grupo de ativismo negro no país. Contando com milhares de afiliados, a Frente Negra defendia causas como melhores condições para a população negra e fazia denúncias contra o racismo (IPEAFRO, s.d.). Embora fosse um movimento criado para ajudar os afrodescendentes, segundo Machado (2020), a FNB, possuía suas controvérsias. Seu líder Arlindo dos Santos era apoiador do integralismo, ou seja, ele acreditava que toda ação social e política deveria se basear no catolicismo, e rejeitava a ideia de um estado laico. A FNB foi a fundadora do periódico, “A Voz da Raça”, que tinha como objetivo dar voz aos problemas da população negra. Se transformou em partido político em 1936, e em 1937, se tornou ilegal e foi extinta pelas mãos do político que apoiava, Getúlio Vargas, que após o golpe do Estado Novo, acabou com todas as organizações sociais e partidos políticos do Brasil.

Apesar de ter sido criada no momento de substituição das teorias de branqueamento e racismo científico pelo mito da democracia racial e a valorização da raça mestiça, a Frente Negra Brasileira sempre buscou combater a tendência de se acreditar na ausência de preconceito racial no Brasil. O objetivo era reconhecer, encarar e combater o racismo. Contudo, vale ressaltar que a busca era de integração e não de segregação. Condenavam sempre o ódio e a solução segregacionista norte-americana. A intenção não era criar uma escola para negros, e sim fazer com que os negros frequentassem tranquilamente as escolas dos brancos. (Lannes, 2002, p.46)

Entre os anos de 1940 a 1960, tivemos bastante mobilização do movimento negro, causado principalmente pelo processo de redemocratização do Brasil que ocorreu em 1945, após o golpe do Estado Novo. No entanto, o movimento voltou a perder força no período da ditadura militar, que aconteceu no ano 1964, onde diversos movimentos sociais foram reprimidos por ação dos militares. O movimento negro voltou a conquistar força, junto com o movimento estudantil e outros grupos de resistência à ditadura militar em 1970.

Em 1978, chamaram a atenção vários episódios racistas: no estado de São de Paulo como o assassinato do operário Nilton Lourenço, prisão e assassinato do feirante Robson Silveira da Luz dentro de uma delegacia e a discriminação sofrida por jogadores de vôlei infantil do Clube Regatas do Tietê. Esses acontecimentos foram o incentivo que bastava para a criação do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR), no dia 7 de julho, um ano depois o movimento trocou seu nome para Movimento Negro Unificado (MNU). A fundação do grupo realizou-se nas escadarias do teatro municipal, contando com o apoio de milhares de pessoas, entre seus fundadores temos Lélia González, uma das vozes importantes no direito das mulheres na sociedade, pioneira nos estudos sobre mulheres negras no Brasil, assim como suas denúncias sobre a violência sexual contra as mulheres negras. O MNU defendeu importantes pautas para a comunidade negra, entre elas as mais importantes foram: a valorização da cultura negra, o combate à violência policial, ao desemprego e ao trabalho informal.

O MNU acreditava que a educação poderia ter um grande papel na mudança de mentalidade das pessoas sobre as desigualdades raciais, porém, eles mesmos denunciavam que as escola era um dos principais veículos de disseminação racista, com suas atitudes discriminatórias e as concepções preconceituosas, tais como o material didático que tinha como padrão o silenciamento ou a omissão da cultura e a história negra. Uma das reivindicações do grupo era que a educação fosse alterada para o olhar do ponto de vista negro, e não da eugenia européia, porque isso impossibilitava o processo de construção da identidade das crianças negras, já que poderia provocar uma baixa autoestima, por possuírem uma ascendência diferente. O grupo pedia que os governantes formassem educadores para o ensino da cultura afro-brasileira e sua história, assim como a alteração dos currículos escolares para uma perspectiva pluricultural ou interétnica.

No campo das leis a população negra fez muitas conquistas importantes começando com a primeira lei sancionada contra o racismo no Brasil. A Lei de Afonso Arinos (Lei 1.390/51), proposta pelo deputado federal Afonso Arinos de Melo Franco, em 3 de julho de 1951, que foi sancionada pelo presidente Getúlio Vargas. A Lei proibia discriminação racial em ambientes públicos e comerciais, mas com suas penas brandas ela teve pouca efetividade. Essa lei foi revogada pela Lei 7.716/89, conhecida como Lei Caó, em homenagem ao autor, o deputado Carlos Alberto de Oliveira, conhecido como Caó, que

buscava penas mais rígidas. A lei sofreu mais duas alterações ao longo dos anos, em 20 de julho de 2010 (Lei 12.288) que institui o Estatuto de Igualdade Racial e em 2023, que equipara a injúria racial ao crime de racismo. Em janeiro de 2023 tivemos a última alteração da lei (Lei nº 14.532/2023) as principais mudanças na Lei é que esse tipo de crime passou a ser imprescritível, não cabe fiança e a pena passou a ser de dois a cinco anos de reclusão, além da multa.

No campo educacional também há grandes conquistas para a história da educação brasileira, em 9 de janeiro de 2003, entrou em vigência a lei 10.639/03, sancionada pelo presidente em exercício Luiz Inácio Lula da Silva, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira no ensino fundamental e médio em todo o território nacional brasileiro. Posteriormente, em 10 de março de 2008 foi aprovada a lei 11.645/08 que determinou a obrigatoriedade do ensino de história e cultura indígena. Em agosto de 2012, a presidente Dilma Rousseff sancionou a Lei de Cotas, que foi atualizada em 2023, a nova lei tem como propósito reduzir a renda familiar máxima para participar do programa de cotas, inclusão dos estudantes quilombolas e amplia as políticas afirmativas para a pós-graduação. Outra criação importante, em 2011, foi oficializar por meio da Lei 12.519 a celebração do dia nacional do Zumbi dos Palmares e da Consciência Negra. Mas apenas em 2023 a data foi oficializada como feriado nacional.

É importante destacar que apesar dos inúmeros avanços dos últimos anos a luta contra o racismo continua, temos vários problemas incentivados pelo preconceito racial. Assim como os problemas na implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08 que enfrentam diversos obstáculos mesmo após quase 18 anos após sua criação, como currículos escolares desatualizados, a falta de preparação no letramento racial dos professores, as datas comemorativas são abordadas de modo superficial, as ações insuficientes por parte dos municípios brasileiros, a barreira criada pelos pais e os próprios alunos, falar sobre temas religiosos não sobre a igreja católica ou pelas igrejas protestantes é um tabu em sala de aula, os alunos desde cedo são ensinados a temer religiões de matriz africana, o que torna muito difícil para os professores ensinarem sobre os tema.

1.2 A **escrevivência** na educação como ato de vingança, mas também de amor

A **escrevivência** é um conceito criado pela linguista e escritora brasileira Maria da Conceição Evaristo de Brito, “Era um jogo que eu fazia entre a palavra “escrever” e “viver”, “se ver” e culmina com a palavra “**escrevivência**” (EVARISTO, 2023, online). Esse termo foi desenvolvido em 1994, quando ela estava fazendo sua pesquisa de mestrado para a universidade PUC-RJ. Sua dissertação, nomeada de *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* foi defendida no ano de 1996. Para a autora a **escrevivência** é diferente da escrita ficcional; ela é carregada de atravessamentos e representatividade, ela vem de nossas próprias vivências, principalmente de mulheres, pretas, pobres e marginalizadas. Não é apenas sobre contar histórias, mas contar histórias a partir de um ponto de vista afrocentrado, de um grupo marginalizado que por muito tempo tiveram suas vozes ignoradas ou silenciadas.

Se eu for pensar bem a genealogia do termo, vou para 1994, quando estava ainda fazendo a minha pesquisa de mestrado na PUC. Era um jogo que eu fazia entre a palavra “escrever” e “viver”, “se ver” e culmina com a palavra “**escrevivência**”. Fica bem um termo histórico. Na verdade, quando eu penso em **escrevivência**, penso também em um histórico que está fundamentado na fala de mulheres negras escravizadas que tinham de contar suas histórias para a casa-grande. E a **escrevivência**, não, a **escrevivência** é um caminho inverso, é um caminho que borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente. Isso não impede que outras pessoas também, de outras realidades, de outros grupos sociais e de outros campos para além da literatura experimentem a **escrevivência**. Mas ele é muito fundamentado nessa autoria de mulheres negras, que já são donas da escrita, borrando essa imagem do passado, das africanas que tinham de contar a história para ninar os da casa-grande. (Evaristo, 2023, online)

A **escrevivência** está profundamente ligada aos corpos femininos negros que historicamente foram violados de todas as formas possíveis e ainda seguem lutando e resistindo. Quando falamos de mulheres negras podemos voltar no tempo e falar das mulheres que foram retiradas de seus países e famílias para serem escravizadas, obrigadas a terem seus corpos e direitos violados, além de abrir mão de seus próprio filhos, muitas vezes frutos de relações forçadas para que eles fossem vendidos para outras famílias. Era de se imaginar que com a libertação dos escravizados, e o passar dos anos tais coisas fossem crimes terríveis na nossa história, mas mesmo depois de décadas a realidade continua praticamente a mesma. Mulheres e crianças negras em seu dia a dia vão sofrendo

microviolências que de forma silenciosa vão minando sua autoestima, tirando suas coragens e fazendo com que eles percam suas vozes novamente, essas microviolências se manifestam quando zombam de suas aparências físicas, os confundem por serem iguais, quando a única coisa comum são suas etnias, era de se esperar que num país multirracial e com tantas culturas fossemos mais desenvolvidos e não é o caso. Segundo os dados nacionais em 2023, aproximadamente 84 mil casos de estupros foram registrados no Brasil, as vítimas em pelo menos 88% dos casos eram do sexo feminino, em sua maioria crianças e mulheres negras, na maioria dos casos os agressores eram conhecidos ou familiares das vítimas. E essas vítimas ainda são violadas continuamente pelo sistema, elas sofrem violências quando precisam se expor para estranhos e contar a história do ataque, são violadas novamente quando são desacreditadas e se esse ataque gerar frutos, elas são violadas novamente por um sistema opressor que insiste em retirar o direito sobre o próprio corpo, ao obrigar que carreguem as consequências de um crime hediondo. Conceição Evaristo (Evaristo, 2020, online) afirma que “[...] escrever é uma forma de sangrar [...] e a vida é uma sangria desatada.” Por isso a importância da escrevivência, ela dá vozes a esses corpos, ajudando-os superar as marcas do racismo, machismo, violências com a escrita que denuncia, que resgata a ancestralidade, memórias, também permite que se posicionem politicamente e que sejam ouvidas.

Além de Conceição Evaristo a escrevivência conta com outros grandes nomes em nossa literatura, escritoras brasileiras que escrevem sobre suas vivências como forma de resistência política, construindo não só uma nova perspectiva literária como dando vozes a todas aquelas que foram de alguma forma silenciadas durante a sua trajetória. Carolina Maria de Jesus, que possui uma grande história de superação, nascida em 1941, em Minas Gerais, veio de uma família pobre que só teve acesso a educação formal por alguns anos, tornou-se uma das primeiras escritoras negras a evidência com sua obra “*Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*” (1960), ela relata a realidade da pobreza, dor, fome e a exclusão. Djamila Ribeiro com sua obra “*Quem tem medo de feminismo negro?*” (2018), faz uma reflexão teórica sobre o racismo estrutural em nossa sociedade. Fatima Santana Santos com o livro “*Leia-me negras: insurgências afroafetivas na prática pedagógica*” (2022), que com seu livro faz uma reflexão profunda sobre a educação, a importância da família e fala sobre as práticas pedagógicas aplicadas no CMEI Dr. Djalma Ramos.

Inserir a escrevivência no currículo escolar é algo fundamental para mudar a vida de diversos estudantes e suas famílias, ao apresentarmos autores indígenas, negros e periféricos, podemos tornar visível tudo aquilo que foi escondido por tanto tempo, trabalhar o currículo com a visão decolonial, ajuda a combater o racismo, valorização da cultura e diversidade que está presente não apenas nos textos literários, mas também na vivência desses jovens. Em seu livro *“Leia-me negras: insurgências afroafetivas na prática pedagógica”* (2022), Fatima Santana Santos fala sobre as entrevistas com a família que o CMEI promove para saber um pouco mais sobre a história das crianças e envolver a família na unidade escolar, nem sempre é possível fazer com que esses responsáveis se tornem presentes na comunidade, mas com a escrevivência podemos descobrir sobre os alunos com seus próprios relatos e com isso basear nossos ensinamentos em seus conhecimentos de mundo, permitindo que eles reconheçam suas trajetórias, fortaleça a identidade e a autoestima, permitindo que eles descubram que existem heróis negros que passaram por aquilo que eles possam estar passando e não desistiram de lutar pelo reconhecimento de suas histórias, muito menos pela história do povo afro-brasileiro.

2- Sequência didática

Há diversos fatores que podem ser atribuídos aos problemas que a educação brasileira enfrenta, principalmente a educação pública, entre eles podemos citar a desigualdade social, falta de investimento e a má gestão dos recursos recebidos, problemas nas formações de profissionais capacitados, frustração dos profissionais da educação com a falta de boas oportunidades e bons salários, evasão escolar, desinteresse por parte dos alunos e principalmente a falta de participação das famílias na vida escolar dessas crianças.

A educação antirracista não tem o poder de curar todos os males que nosso sistema educacional apresenta no atual momento, mas pode ajudar a diminuir desigualdades que ele enfrenta, para que todos possamos viver minimamente de forma confortável e com igualdade de oportunidades. No Brasil, ainda temos muitas práticas de discriminação racial, religiosa e até cultural, por isso é importante construir uma sociedade com mais consciência e respeito, a forma mais eficaz de trabalhar esses problemas sociais é através da educação. Segundo Bourdieu (1974, apud REVISTAFT, 2023), o *habitus* é uma estrutura estruturada, predisposta a funcionar como uma estrutura estruturante, ou seja, é tanto resultado de estruturas sociais quanto uma força que produz essas estruturas. O primeiro contato com a

cultura e os ensinamentos sobre como se comportar na sociedade são dados pela família, depois esse indivíduo vai obtendo suas próprias experiências pessoais e isso causa um impacto em sua forma de ver o mundo e na reprodução desses ensinamentos, dessa forma, é muito importante educar as novas gerações para que elas possam combater as práticas racistas, construam novos conhecimentos e com isso que ela acabe com o racismo estrutural criado pelas gerações passadas.

Neste trabalho decidi usar os textos de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, duas autoras negras, que com suas experiências conseguiram combater o racismo, dentro de seus contextos de vida e estilos literários. Carolina é uma escritora que mesmo com poucos anos de educação formal e levando uma vida de pobreza, usou sua autobiografia para denunciar a pobreza, fome, abandono e as dificuldades de mulheres negras periféricas. Conceição Evaristo que também veio de família pobre, se tornou uma escritora bastante conhecida ao denunciar toda a dificuldade vivida pela população negra, mas seus textos falam principalmente sobre mulheres, suas lutas contra o silenciamento, invisibilidade, a solidão da mulher negra e a construção de narrativas de resistência política, assim como a identidade feminina.

A trajetória dessas grandes mulheres que combateram o racismo trazendo voz aos grupos silenciados, ao expor as estruturas de poder por trás de todo esse silenciamento, as tornaram símbolos de resistência na nossa literatura, nos mostrando histórias repletas de atravessamentos que nos tocam, ambas mulheres são as guerreiras de suas próprias histórias trazendo elementos importantes para a luta contra o racismo, machismo, e o silenciamento. Elas, por meio da literatura, passam uma importante mensagem para todos, sobre a construção de identidade, ancestralidade e o mais importante que é ajudar as pessoas negras a finalmente se reconhecerem como um sujeito importante para suas próprias histórias e um objeto transformador na vida de outras pessoas.

Objetivo da sequência didática

O objetivo desse projeto é fazer os estudantes refletirem sobre o racismo e suas formas de combate por meio de leituras, debate, interpretação e produção literária. Através da escrita de Carolina Maria de Jesus e de Conceição Evaristo, os alunos vão analisar as estruturas do racismo e da desigualdade permeiam nossa sociedade e como essas escritoras a partir de suas escritas se posicionaram contra elas.

Justificativa

A sequência didática tem por objetivo a promoção de uma educação antirracista, que é essencial para a construção de uma sociedade equitativa com o propósito de dar oportunidade mais justas e que as pessoas não sejam discriminadas pela cor de sua pele. O currículo escolar ainda está bastante atrasado no que refere a educação antirracista e nossa sociedade conta com muitos casos de racismo institucional e racismo estrutural, onde alunos e trabalhadores são confrontados com situações de discriminação. Nesse sentido, é importante que as instituições mudem suas posturas para construir uma sociedade mais inclusiva, com valorização da diversidade e da representatividade da cultura negra.

Público-Alvo:

2º ano do Ensino Médio, Escola Pública

Tema:

Literatura como resistência: A luta da mulher negra na sociedade brasileira

Áreas Disciplinares:

Língua Portuguesa: Desenvolvimento da leitura e interpretação de texto.

Objetivo Geral:

Refletir criticamente sobre o racismo estrutural e a valorização da identidade da mulher negra, por meio da análise das obras de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, identificando nessas obras a resistência, denúncia e a reconstrução da memória social.

Objetivos Específicos:

- Aprender sobre as experiências de vida das autoras e suas contribuições para o campo literário.
- Refletir sobre os impactos do racismo, da pobreza e a exclusão social.
- Desenvolver uma leitura crítica de textos literários que retratam a realidade da mulher negra.

- Estimular à produção de textos autorais a partir das temáticas abordadas, além das escritas da vivência dos próprios alunos .
- Reconhecer a importância da representatividade negra na literatura e na escola.

Tempo:

4 encontros de 50 minutos cada

Metodologia:**Aula 1: Introdução ao Racismo e a mulher negra na sociedade.**

- **Objetivo:** Conhecer o conceito de racismo e a dupla opressão que as mulheres negras sofrem que é o racismo e o machismo.
- **Atividades:**
 - Exibição de um vídeo sobre racismo e outro com uma entrevista de Conceição Evaristo falando sobre a mulher negra na sociedade.
 - Discussão sobre o que os alunos sabem sobre o racismo e problemas enfrentados por mulheres negras.
 - Leitura do artigo em sala de aula: “Racismo recreativo nos corpos-Territórios de Adolescentes Negras na Escola” de Erika Benigna Nascimento, Maria Celeste Reis Fernandes de Souza e Fernanda Cristina de Paula.
 - Debates em sala: "Como o racismo afeta nossas relações sociais e principalmente como afeta mulheres negras nas escolas?"
- **Recursos:** Vídeo, projetor, textos impressos.

Aula 2: Carolina Maria de Jesus - Símbolo da resistência negra.

- **Objetivo:** Compreender a obra e a importância de Carolina Maria de Jesus como resistência ao racismo e a luta da mulher negra periférica.
- **Atividades:**
 - Leitura de trechos da obra *Quarto de Despejo* de Carolina Maria de Jesus.

- Análise de como a autora descreve sua vivência no contexto de pobreza e discriminação racial.
- Reflexão escrita: “Como a obra de Carolina Maria de Jesus pode ser vista como forma de resistência?”

- **Recursos:** Textos impressos, folhas de papel A4.

Aula 3: Conceição Evaristo e a escrevivência

- **Objetivo:** Analisar a obra de Conceição Evaristo e fazer uma reflexão de como a autora aborda o racismo, sexismo e a desigualdade social em sua obra.
- **Atividades:**
 - Leitura de trechos da obra *Olhos D'Água* de Conceição Evaristo.
 - Análise da obra com foco no sentimento que os trechos transmitem e quais elementos nos mostram a desigualdade social e o racismo.
 - Reflexão escrita: Escreva sobre sua própria vivência, algo que provoque uma forte emoção seja de felicidade ou de dor.
- **Recursos:** Textos impressos, folhas de papel A4.

Aula 4: Análise de Texto e Produção Literária

- **Objetivo:** Realizar uma análise crítica de textos e incentivar a produção literária a partir do tema.
- **Atividades:**
 - Leitura do artigo “Mulher Negra e Educação: Construção de Identidades e Resistências” de Adelaine La Guardia Resende Silva.
 - Discussão sobre o texto
 - Na produção escrita de um texto, o aluno deve escrever sobre a mulher negra em espaços acadêmicos.
- **Recursos:** Textos impressos, folhas de papel A4.

Avaliação:

A avaliação do professor será feita através da participação dos estudantes nas discussões, debates e no desenvolvimento das atividades propostas.

Recursos Necessários:

- Projetor
- Computador
- Folhas de papel A4
- Textos impressos

Referências bibliográficas da sequência didática:

CANAL BRASIL. **Conceição Evaristo e a mulher negra na sociedade | Espelho.** YouTube, 29 de abril de 2021. Disponível em:

<https://youtu.be/1SRI-R27F_o?si=7L85lplacpuGsaKG>. Acesso em: 20 de maio de 2025.

CANAL PRETO. **Entenda o que é RACISMO ESTRUTURAL!** - Canal Preto. Youtube, 21 de fevereiro de 2019. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=lryL8ZAMq-E>>. Acesso em: 20 de maio de 2025

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água.** Rio de Janeiro: Pallas, 2016. Acesso 20 de maio de 2025

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada.** São Paulo: Ática, 2002. Acesso em: 20 de maio de 2025.

NASCIMENTO, Erika Benigna; SOUZA, Maria Celeste Reis Fernandes de; PAULA, Fernanda Cristina de. **Racismo recreativo nos corpos-território de adolescentes negras na escola. Educação em Revista**, [S.l.], v. 37, p. e45873, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/45873>. Acesso em: 19 de maio de 2025.

SILVA, Adelaine La Guardia Resende. **Mulher negra e educação: construção de identidades e resistências. Revista Labor**, [S.l.], v. 10, n. 2, p. 1-15, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/labor/article/view/80693>. Acesso em: 19 de maio de 2025.

Reflexão sobre a Sequência Didática:

O objetivo final da sequência didática é que os alunos possuam uma melhor compreensão do racismo, suas causas e efeitos, além do papel da mulher negra em nossa sociedade. Espera-se que após as aulas os alunos consigam reconhecer melhor seus papéis na sociedade e ao combate ao racismo sendo protagonistas de suas próprias histórias.

Reflexão sobre o retorno do trabalho da sequência na escola:

A sequência didática foi produzida por mim e minha amiga e dupla de estágio Mariana Carcano, mas nossos corações nos levaram para caminhos diferentes nessa sequência. Mariana produziu um trabalho sobre a autora Maria Carolina de Jesus e o Cantor Emicida; meu coração me levou para as Marias. Foi muito lindo ver que tanto o professor quanto os alunos embarcaram no nosso projeto, em alguns momentos pareciam que seria demais, mas os alunos colaboraram bastante com o projeto. Alguns nos disseram que já conheciam os artistas que apresentamos, mas que foi bom saber um pouco mais sobre suas trajetórias. Alguns ficaram um pouco receosos, mas aceitaram compartilhar suas escritas com o resto da turma que se mostraram bastante respeitosos ao ouvir os colegas, o que demonstrou bastante maturidade e que essas aulas os levaram para o caminho correto. Além do mais, foi legal ver alguns meninos repensando a forma como tratavam não só suas colegas, mas também as mulheres presentes em suas famílias. Em geral podemos perceber que a aula foi bem proveitosa e benéfica, acredito que durante o nosso estágio conseguimos conquistar essa turma, ouvindo seus relatos e mostrando que realmente nós nos importamos com eles, acredito que essas aulas foram muito importantes para eles e pode ter sido um objeto transformador em suas vidas.

Conclusão

Este trabalho teve como objetivo enfatizar a importância da educação antirracista no ambiente escolar, ao falar sobre minha própria vivência ao longo da minha vida na educação básica e depois no ensino superior, acredito que não estou narrando só minha própria experiência, mas a de centenas de outras pessoas negras que passaram por experiências parecidas com a minha. Vivemos numa sociedade que continua perpetuando um ciclo nocivo de exclusão. O racismo estrutural está presente na vida de crianças negras desde o início de suas vidas, e pouco a pouco vai acabando com a nossa autoestima, destruindo nossas raízes e

também suas certezas. No início deste trabalho eu ainda continuava duvidando de mim mesma, me dizendo que muitas coisas poderiam ser outras coisas, mas não racismo, acho que demorei para me descobrir uma mulher negra e agarrar esse sentimento com orgulho. Hoje consigo perceber melhor as coisas, quando no trabalho me confundem com outra mulher negra que possui um cabelo diferente, um estilo de se vestir totalmente diferente e atitudes, nossa única característica igual é o mesmo tom de pele, antes eu não entenderia que isso também é uma forma de racismo, mas hoje sei melhor. São pequenas coisas no seu cotidiano que vão te mostrar as práticas racistas em formas de microviolências.

Em diversos momentos com as minhas amigas falamos que escolhemos a profissão errada, afinal ser professora, é ter uma profissão precarizada, os colégios e as prefeituras exigem cada vez mais qualificações para vagas de trabalho com salários baixos e muito aquém do que se espera, mas ao mesmo tempo acredito que escolhemos a profissão certa, porque se queremos mudanças precisamos participar delas, não só esperar que um dia elas aconteçam. Nem todas podemos ter um diário tão poderoso quanto o da Carolina ou escrever nossas vivências de forma tão brilhante quanto a Conceição Evaristo, mas podemos mudar a vida de alguns jovens que encontramos em nossos caminhos, por meio do acolhimento, amor, compartilhando nossos conhecimentos e aprendendo com eles também.

A educação antirracista é a forma que temos para criar essa sociedade justa e igualitária que muitas vezes parece uma utopia, mas que é possível alcançar através da educação, vivemos numa sociedade bastante corrompida, mas cuidando de nossas crianças, tendo paciência, acreditando nelas e mostrando todas essas formas incríveis de práticas culturais, desses heróis que lutam contra o racismo usando suas vozes, sem medo é possível.

Referências bibliográficas:

AGÊNCIA BRASIL. **Foram registrados quase 84 mil estupros no Brasil no ano passado.** Agência Brasil, Radioagência Nacional, 16 de julho de 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/seguranca/audio/2024-07/foram-registrados-quase-84-mil-estupros-no-brasil-no-ano-passado>. Acesso em: 20 de maio de 2025

BRASIL. Lei nº 1.390, de 3 de julho de 1951. **Inclui como contravenção penal a prática de discriminação racial em estabelecimentos públicos e comerciais.** Diário Oficial da

União, Brasília, DF, 5 jul. 1951. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L1390.htm. Acesso em: 20 de maio de 2025.

BRASIL. Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. **Define os crimes resultantes de preconceitos de raça ou de cor.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 21 jul. 2010. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm. Acesso em: 20 de maio de 2025.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Altera a LDB (Lei nº 9.394/1996), tornando obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira no ensino fundamental e médio.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 20 de maio de 2025.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. **Altera a LDB para incluir a obrigatoriedade do ensino da história e cultura indígena na educação básica.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 20 de maio de 2025.

BRASIL. Lei nº 12.288, de julho de 2010. **Institui o Estatuto da Igualdade Racial.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 21 jul. 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm. Acesso em: 20 de maio de 2025.

BRASIL. Lei nº 12.519, de 10 de novembro de 2011. **Institui o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 nov. 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112519.htm. Acesso em: 20 de maio de 2025.

BRASIL. Lei nº 14.532, de 11 de janeiro de 2023. **Altera a Lei nº 7.716/1989 para equiparar a injúria racial ao crime de racismo, declarando-o imprescritível e inafiançável e estabelecendo pena de 2 a 5 anos de reclusão.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 12 jan. 2023. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/L14532.htm. Acesso em: 20 de maio de 2025.

BRASIL. Lei nº 14.723, de 13 de novembro de 2023. **Atualiza a Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012), instituindo novos critérios de renda familiar, inclusão de estudantes quilombolas e ampliação das ações afirmativas no ensino superior e pós-graduação.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 14 nov. 2023. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/L14723.htm. Acesso em: 20 de maio de 2025.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular. Ministério da Educação.** Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 20 de maio de 2025.

CANAL BRASIL. **Conceição Evaristo e a mulher negra na sociedade | Espelho.** YouTube, 29 de abril de 2021. Disponível em: https://youtu.be/1SRI-R27F_o?si=7L85lplacpuGsaKQG. Acesso em: 20 de maio de 2025.

CANAL PRETO. **Entenda o que é RACISMO ESTRUTURAL!** - Canal Preto. Youtube, 21 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lryL8ZAMq-E>. Acesso em: 20 de maio de 2025

EVARISTO, Conceição. **A escrivência serve também para as pessoas pensarem.** Itaú Social, 2023. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-par-a-as-pessoas-pensarem/>. Acesso em: 21 de maio de 2025.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água.** Rio de Janeiro: Pallas, 2016. Acesso 20 de maio de 2025

FOLHA DE S.PAULO. **Quatro em cada dez vítimas de estupro são crianças e adolescentes negras.** Folha de S.Paulo, Cotidiano, 15 jul. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/07/quatro-em-cada-dez-vitimas-de-estupro-sa-o-criancas-e-adolescentes-negras.shtml>. Acesso em: 21 de maio de 2025.

IPEAFRO - Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros. **Antecedentes do TEN/Frente Negra Brasileira**. Acervo Digital IPEAFRO. Disponível em:

<https://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/antecedentes-do-ten/frente-negra-brasileira/>

. Acesso em 20 de maio de 2025.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2002. Acesso em: 20 de maio de 2025.

LANNES, Laiana. **A Frente Negra Brasileira: Política e Questão Racial nos anos 1930**. Dissertação de Mestrado em História Política, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2002. Acesso em: 19 de maio de 2025.

MACHADO, Leandro. **Frente Negra: a história do movimento que apoiava o integralismo e foi pioneiro do ativismo negro no país**. BBC News Brasil, 13 jun. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53000662>. Acesso em: 21 de maio de 2025.

NASCIMENTO, Erika Benigna; SOUZA, Maria Celeste Reis Fernandes de; PAULA, Fernanda Cristina de. **Racismo recreativo nos corpos-território de adolescentes negras na escola**. *Educação em Revista*, [S.l.], v. 37, p. e45873, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/45873>. Acesso em: 19 de maio de 2025.

REVISTA FORMAÇÃO DE PROFESSORES. **A formação das identidades: o conceito de habitus de Bourdieu contribui para a compreensão no ambiente escolar**. 2023. Disponível em: <https://revistaft.com.br/a-formacao-das-identidades-o-conceito-de-habitus-de-bourdieu-contribui-para-a-compreensao-no-ambiente-escolar/>. Acesso em: 20 de maio de 2025.

SILVA, Adelaine La Guardia Resende. **Mulher negra e educação: construção de identidades e resistências**. *Revista Labor*, [S.l.], v. 10, n. 2, p. 1-15, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/labor/article/view/80693>. Acesso em: 19 de maio de 2025.